

«Nada é mais brutal do que a arrogância do dinheiro».

Scipião Ferreira

ANO V — N.º 126

JULHO

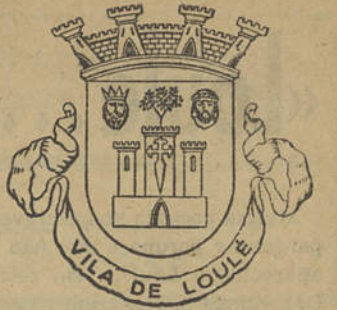
28

1 9 5 7

AVENÇA

A Voz de Loulé

Biblioteca Nacional



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Loulé
Telefone 216

Comércio e indústria da grãoalha de alfarroba

Pela portaria n.º 16.326, de 11 do corrente, foi estabelecida uma comissão que orientará e regulará a exportação de grãoalha de alfarroba. Preside a ela o Delegado da Junta Nacional dos Frutos e constituem-na um representante do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Horticolas do Algarve, pelo comércio, um representante da Federação dos Grémios de Lavoura do Algarve, pela produção e um representante dos industriais.

Foi autorizada a exportação de metade da produção e assegurada à indústria a outra metade como matéria prima. Os preços serão fixados pela comissão, de harmonia com as cotações internacionais e as possibilidades da indústria.

A primeira vista parece que a portaria terá encontrado o meio de conseguir o equilíbrio de interesses que com ela se visa. Todavia e para já perguntamos: como conseguir a maioria dentro da comissão? Admitamos que, mesmo sem menção expressa, o presidente da Comissão

tem voto de desempate. Nesse caso o vogal que estiver só vence os outros dois se conseguir o apoio do presidente.

Qual a garantia de veracidade das informações dadas por cada um sobre as cotações internacionais se sabemos que algumas das actividades representadas na comissão tem íntimas ligações com congéneres de outros países?

Veremos até, que, bem manobrada a coisa, se poderá estabelecer um condicionalismo tal que só os industriais poderão exportar grãoalha.

Voltaremos ao assunto para anotar os males congénitos da portaria e até lá, confiemos, para que não se estabeleçam monopólios, que os representantes das tres actividades interessadas e que ainda desconhecemos quem sejam, trabalhem com acerto e boa fé. Só assim será possível conciliar os interesses de todos de maneira a que uns não atropelam os outros.

Da colaboração da Lavoura com a Exportação já a província colheu benefícios no que respeita a figos, especialmente quanto aos chamados comestíveis. Espere-mos que o nosso organismo satisfaga o que será mais uma razão para que o problema dos figos de caldeira para, definitivamente, do exclusivismo a que

(Continuação na 6.ª página)

Batalhas de Flores DE 1957 Agradecimento e Comunicado

A Comissão Executiva das Festas da Batalha de Flores que tiveram realização em 1957, vem, por este meio, apresentar testemunho da sua muita gratidão e vivo reconhecimento a quantos, e muitos foram, directa ou indirectamente contribuíram para levar a efeito estes consagrados festejos, em benefício da Santa Casa da Misericórdia de Loulé.

Apesar das contrariedades ocasionadas pelo tempo, que se mostrou chuvoso em dois dos três dias de Carnaval (domingo e terça-feira), de molde a impossibilitar a organização do desfile de carros e exibição dos números que constavam do programa, é com satisfação que registamos, ao fazer as contas relativas a este empreendimento, a existência de um saldo positivo que monta a esc. 9.327\$60.

Aproveita-se a oportunidade para informar que as contas e documentos às mesmas referentes, se encontram patentes na Secretaria da Santa Casa da Misericórdia, onde poderão ser examinados por quem o desejar.

Loulé, 4 de Julho de 1957

A COMISSÃO

«A Voz de Loulé»

Por que o proprietário do nosso jornal teve que submeter-se, em Lisboa, a uma melindrosa intervenção cirúrgica que durante bastantes dias o impediu completamente de tratar de quaisquer assuntos de «A Voz de Loulé», foi-nos absolutamente impossível publicar o nosso jornal nas duas últimas semanas, o que duplamente lamentamos e do que pedimos muita desculpa aos nossos preza-dos assinantes e leitores.

foi inaugurado o novo edifício da P. S. P. de Faro

Com a presença do ilustre Governador Civil de Faro, sr. Dr. António Baptista Coelho, do sr. Comandante Geral da P. S. P., sr. Coronel Mário Cunha que, para o efeito expressamente se deslocou ao Algarve, e de muitas outras individualidades civis e militares de maior relevo da nossa província, foi solenemente inaugurado, no passado domingo, dia 14, o novo edifício do Comando da P. S. P. de Faro.

Também estiveram presentes os srs. Comandantes Distritais de Lisboa, Porto, Setúbal e Beja, srs. tenentes-coroneis Carlos Maria do Carmo e António Rodrigues Santos Júnior e capitães Sirgado Maia e Trinité Rosa.

O acto inaugural revestiu-se de grande brilhantismo, dado o valor do melhoramento e a presença de altas individualidades que para o efeito ali se deslocaram.

Usaram da palavra os srs. capitão Marques Loureiro, Comandante da P. S. P. de Faro; o sr. coronel Mário Cunha, Comandante Geral da P. S. P. e o ilustre Chefe do Distrito sr. Dr. Baptista

(Continuação na 4.ª página)

Clichés deste mundo

A cidade era branca, clara e desconhecida. O monte ficara para lá da estrada triste e sem novidades. A tropa foi mais que marchas difíceis, exercícios complicados, uns estranhos, protocolos necessários. A tropa foi o caminho para a primeira aventura no mundo das gentes finas que usam gravata mesmo sem ser dia de casamento, ouvem telefonia e pedem licença quando arrotam.

Os cafés eram frescos e limpos. Entrou. Quis experimentar até onde ia a sua coragem. Sim porque um café de cidade é diferente da taberna lá do sítio: Portas que nunca param; bebidas tão frias no pino do verão que até parece bruxedo e nomes esquisitos em tudo. Cafés que não se chamam café; leite que não é leite; cerveja que não é cerveja. Tudo baptizado como se fosse alminha de Deus.

(Continuação na 4.ª página)

Barco a motor «RIO JAMOR»

Uma unidade que honra a indústria de construção naval do Algarve

Foi há dias lançado à água em Vila Real de Santo António o magnífico barco a motor «Rio Jamor» construído naquela importante vila algarvia e que se destina ao tráfego de passageiros entre Lisboa e Cacilhas.

Trata-se de uma magnífica unidade de linhas modernas, com estrutura em alumínio e capacidade para 400 passageiros, dispondo de radar e de todos os requisitos necessários à comodidade e segurança dos passageiros e do tráfego a que se destina.

Felicitemos os vilarealenses pelo que este facto representa de honra para a sua laboriosa terra e endereçamos os nossos parabéns ao construtor naval sr. António Pena, pela confiança que a sua competência mereceu à «Empresa de Transportes Tejo, Lda», preferindo-o para construir o «Rio Jamor».

DOIS MORTOS

Faz agora precisamente um ano que a morte afastou do nosso convívio uma figura que não pode ser esquecida, embora a tendência da época seja extinguir da memória tudo quanto o tempo



Dr. Bernardo Lopes

deitou para trás. O Dr. José Bernardo Lopes não foi um médico vulgar, agarrado ao ganha-pão duma função pública; foi antes um gigante do trabalho, um homem devotado a um sacerdócio que lhe absorvia todo o tempo e todas as energias postas ao serviço duma causa humani-

Finalmente!

Um Parque de Campismo no Algarve

Já se encontra em funcionamento na frondosa Mata Nacional de Vila Real de Santo António, junto à progressiva e largamente frequentada praia de Monte Gordo, um belo Parque de Campismo que muito honra a nossa Província. E quere-nos parecer que não há exagero nesta afirmação, pois consta-nos que é, indiscutivelmente, um dos melhores do País.

Disto se deduz que a sua construção obedeceu a um plano criteriosamente delineado. Como é natural, o edifício é de arquitectura simples e tem um ar alegre, lavado, apropriado. Dispõe de instalações sanitárias, balneários, lavabos para loiças, pilhetas para lavagem de roupas e secador, forno para queima de detri-

(Continuação na 4.ª página)

Televisão no Algarve

Consta-nos que já se encontra em vias de conclusão o emissor-televisor de Monchique, devendo portanto começar a funcionar muito brevemente.

É um acontecimento que colocará em foco aquela linda região algarvia mas não será concertada um instrumento a utilizar para tornar mais conhecida a sua exuberante beleza paisagística.

De resto, no actual aspecto de quase abandono em que se encontra (e que se vem arrastando inexplicavelmente há longos anos), até talvez seja preferível que a televisão não toque os seus aspectos para que não tenhamos que lamentar ainda mais o estado ruinoso a que chegou.

José Maria Barros

Já se encontra em convalescência em casa de sua residência nesta vila, apoz se ter submetido a uma melindrosa operação no Hospital do Desterro, em Lisboa que decorreu com felicidade, o proprietário do nosso jornal sr. José Maria da Piedade Barros.

tária—a luta contra a morte.

Para ele não importava o lugar, nem a pessoa, nem o tempo; importava apenas o doente, frente ao qual nada impedia que este fronteiro-mor da saúde erguesse a sua clava e se pusesse a esgrimir contra o espectro da morte.

Fugir ao doente foi coisa que jãmais praticou, antes acenava-lhe de toda a parte para que se abrisse, quando não era ele—o médico—que através de todos os caminhos e sob qualquer tempo ia ao encontro do enfermo. Por isso, onde quer que imaginemos este lutador temos que admitir que a seu lado há uma multidão de enfermos, que hão-de ser socorridos, um a um, até ao último.

São muitos os doentes? Não importa. O tempo hã-de chegar para todos.

É pouco o tempo?—Também não importa. Raciona-se o tempo. Não faltará um minuto para a auscultação, nem a receita para cada caso. E foi assim, distribuindo todas as horas do dia pelos doentes, sem deixar sequer uma para si, para a sua folga, que José Bernardo Lopes alinhou todos os actos da sua vida.

Se alguém o abordava a

pedir a conta, a resposta surgia, quase uniforme: «Não tenho tempo, logo vejo». Ou então: «Isso não é nada, logo paga para a outra vez».



Dr. António Frade

O tempo racionado e distribuído pelos doentes, por via de regra, não chegava para cobrar dividas; e quando as cobrava era tão irrisória a quantia que muitas vezes o doente sentia vergonha ao pagar. Agia deste modo o homem cujas faculdades de trabalho e de inteligência caminhavam a par da sua forte compleição física.

(Continuação na 4.ª página)

Festival desportivo no Estádio Campina

Mercê do dinamismo e espírito de iniciativa do Rev. Padre Luís, a quem o desporto louletano já muito deve, a final do Torneio Popular de Futebol de Loulé teve este ano a assinalá-la um interessante festival que atraiu ao Estádio Campina no pretérito domingo, dia 21, uma multidão entusiasta de Futebol e de Ciclismo.

Cremos até que foi muito especialmente esta última modalidade que mais interesse despertou. A expectativa era grande... e maior ainda o desejo de ver se o ciclismo iria realmente ressurgir em Loulé...

...Depois do que vimos, parece-nos afinal já não restarem quaisquer dúvidas a esse respeito.

Os factos são elucidativos: A pista foi finalmente arranjada, se bem que ainda não de maneira a satisfazer, o que aliás é desculpável atendendo à pressa

com que tudo foi planeado... e executado; os corredores apareceram em quantidade e qualidade muito de evidenciar; e o público (embora um pouco céptico a princípio, quando lhe constou a novidade...) não faltou, ocorrendo em número elevado a levar aos participantes na prova o incitamento dos seus aplausos... e à organização um tributo muito razoável, que permite encarar sem receio futuras realizações...

FUTEBOL

Como estava anunciado, realizaram-se em primeiro lugar os desafios de Futebol, começando a disputar-se às 15 e 30, o jogo entre «Almansil-Barreiras Brancas», do qual este último saíu inespéradamente derrotado por 2-0.

No desafio seguinte, o úl-

(Continuação na 8.ª página)



Eis os esforçados componentes do Juventude Sporting Atlético cuja excelente acção no Torneio Popular de Futebol de Loulé lhes permitiu conquistar para o seu clube o 2.º lugar

29 JUL 1957

«Loulé... em retrato»

Muitas pessoas nos escrevem a perguntar porque é que não tem aparecido o Loulé... em retrato. Ora vamos lá fazer um pouco de história...

O fotógrafo em determinada altura tirou uma fotografia que nãoagradou aos fotografados. E à volta dessa chapa tem-se envolvido meio mundo... Uns porque dizem que foi mal tirada, uns certos porque dizem que não foi oportuna, outros porque dizem que ainda havia que se tirar mais e ainda alguns que acham que se devia partir a objectiva. Vamo-nos lá a entender?!

O certo é que parece que se pode e devem tirar fotografias, mas nem todos os ângulos de focagem agradam.

Adiante! Há argumentos que podem mais que as questões de princípios.

Enquanto o Rei Saud da Arábia Saudita, por intermédio do seu grande ministro Yuseff Yassin vai convencendo os estados vizinhos de que o nacionalismo de Nasser não é coisa que convenha ao mundo árabe, a tal ponto que o próprio Nasser já quase reconheceu o erro e chama «amigos» aos ingleses, enquanto o furacão «Andrey» na Luisiana (E. U. A.), as inundações do delta do Pó causam centenas de mortes e o calor em Inglaterra e na Alemanha obriga as arrumadoras de teatro a aparecerem em fato de banho, têm-nos sido oferecido um tempo de verdadeira maravilha, as colheitas apresentam-se fartas, as debulhadoras não param de trabalhar e só agora, nos últimos dias, é que andou tudo com medo de que se acabasse o mundo porque um vidente de Faro, disse que no dia 16 havia grande cataclismo.

Uma notícia que passou despercebida a muita gente foi o falecimento da mulher do antigo

A Voz de Loulé — Loulé
N.º 126 — 28-7-1957

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANUNCIO

(2.ª publicação)

Pela 2.ª secção da Secretaria Judicial da comarca de Loulé correm éditos de 20 dias, contados da segunda e ultima publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Francisco António Inocencio, solteiro, maior, sapateiro, residente no sítio de Vale de Figueiras, freguesia de S. Bartolomeu de Messines, comarca de Silves, para no prazo de 10 dias, posterior áqueles dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária movida por Leonor da Conceição Anastácio.

Loulé, 28 de Junho de 1957

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga
VERIFIQUEI

O Juiz de Direito
Marino Barbosa Vicente Júnior

Transportes de Carga Louletana, L.ª



AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

Largo Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Primeiro-Ministro Sir Anthony Eden. Mas não foi a actual e sim aquela de quem se divorciara em 1950, se chamava Beatrice e lhe dera dois filhos Simon, falecido com aviador na segunda grande guerra e Nicholas que é empregado de um Banco em Londres.

Há pessoas, na nossa terra, que dizem que notícias, deste género, é que é fazer crítica construtiva. Sim, ou isto, ou estou calado. O resto, é crítica denotista (!)

Então e quando vem a luz para a Avenida?

O Largo de S. Francisco já está. Antigamente dizia-se que era tudo para cima... E agora?

Chegou da Índia o «Tenente» Liberto dos Santos, de seu nome. Este tipo popular de Loulé, esteve ali 22 meses. Vem muito mais magro, porque diz ele: — Elas não matam... mas mordem. Calcule o sr. o que seria preciso para eu ter fastio!? E veja lá, sempre de posse do caldeiro!

Afinal... o Loulé em retrato voltou! Não se arreliem os que achavam que «A Voz de Loulé» sem este prato estava valorizada.

Não se apouquem os que não querem que o fotógrafo tire vistas proibidas.

Faremos os possíveis para que não sejam precisos «comunicados para dar catanada».

Reporter X

PROFESSORA

Diplomada pelo ensino primário particular e com longa prática, lecciona as 1.ª, 2.ª e 3.ª classes de todas as classes do ensino primário.

Avenida José da Costa Mealha-109.

Declaração

Hugo Valério Castanho, vem por este meio tornar público que se não responsabiliza por quaisquer dividas ou actos que sua mulher, Maria da Piedade Pires Castanho, possa contrair ou praticar, devido ao seu actual desequilíbrio mental

Vinho de Lagoa

Da Adega Cooperativa

Ginginha e Eduardino das Portas de St.º Antão

As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ



Cantinho

D A S

Leitoras

ALGUNS CONSELHOS

— Os legumes frescos devem ser cozidos em pouca água para que a sua cor se mantenha natural.

— A cozedura de arroz, para que este fique solto, deve ser feita no dobro da água para cada porção e em tacho destapado.

— A cor amarela que às vezes fica na roupa quando se passa a ferro pode ser atenuada se molharmos a parte amarelada e a colocarmos ao sol.

— As lãs devem ser lavadas para ficarem melhor, com água e morna de sabão de seda.

— A cor dos camarões depois de cozidos torna-se mais viva se colocarmos na água em que se coza um pedaço de casca de cebola.

SABE COMO SE FAZ...

BOLO ESPUMA

Açúcar 250 grs., farinha 150 grs., manteiga 125 grs., miolo de amêndoa 100 grs., claras de ovos 8, fermento 1 colher de chá, açúcar pilé 5 colheres de chá.

Bate-se juntamente a manteiga com o açúcar e em seguida a amêndoa passada já pela máquina.

Põem-se as claras em castelo e juntam-se também à massa. Vai-se deitando a farinha aos poucos, batendo bem. Deita-se em forma já previamente preparada, polvilhando por cima com o açúcar pilé e miolo de amêndoa partida em pedacinhos. Coze em forno de temperatura moderada.

BOLO DE CENOURAS

500 grs. de cenouras cozidas e raladas, 500 grs. de açúcar branco, 4 ovos inteiros, 1 colher de chá de canela, raspas de limão; Ficarà mais saboroso se levar amêndoa moída.

Junta-se tudo bem com colher de pau, mas não batendo, untando-se uma forma e vai a forno brando.

REFRESCO DE CHOCOLATE

Um copo de conhaç, 1 copo de chocolate açucarado em pó, um cálice de leite frio, uma gema de ovo crua, uma pitada de canela em pó e outra de noz moscada. Mistura-se tudo muito bem e serve-se, em copos de vidro.

TORTA DE BATATA

Tomam-se: 4 batatas, 4 ovos, 2 colheres de farinha, sal e pimenta que baste.

Cozem-se as batatas descascadas e passam-se em seguida pela máquina. Juntam-lhes as gemas dos ovos, a farinha, o sal e a pimenta. Mistura-se tudo muito bem. Finalmente, mistura-se à massa as claras batidas em castelo. Deita-se a massa imediatamente num tabuleiro untado com manteiga e leva-se ao forno. Em a massa estando cozida, faz-se cair sobre um pano e recheia-se, enquanto está quente, com picado de carne de peixe, ou até mesmo de legumes.

Enrola-se com cuidado, para não quebrar; mantém-se a torta apertada num guardanapo, por uns instantes, para não se desmanchar e depois serve-se, ainda quente, ou fria, consoante o gosto.

LAGAR DE AZEITE

Vende-se ou arrenda-se um lagar manual de azeite, sito em Reguengo (Alte).

Dirigir propostas a Francisco Luiz Calço — Loulé

COFRE

Vende-se, modelo antigo mas em estado novo. Nesta redacção se informa.

PRÉDIO

Vende-se um prédio situado na Senhora Santana, desta localidade. Tratar com o Banco do Algarve — Faro.

O óleo é bom, se é!
Nos fritos e nos assados;
Diz o povo de Loulé
A quem come os seus
guisados!

Óleo de Amendoim

EXCURSÃO a Espanha França e Itália

De 26 de Agosto a 23 de Setembro de 1957

Visitando: Sevilha, Valência, Barcelona, Nice e toda a encantadora Riviera francesa, Mônaco, Riviera Italiana, Génova, Pisa, Roma, Nápoles, Pompeia, Florença, Pádua, Veneza, Milão, Lourdes, Biarritz, S. Sebastian, Burgos e Madrid.

Em moderníssimos Auto-carros

ORGANIZAÇÃO DA

Agência Peninsular de Viagens e Turismo

Direcção de M. Arcanjo Viegas

Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216 — FARO

José Correia Leal Junior

Participa aos seus Ex.ªs Clientes e Amigos que acaba de transferir o seu estabelecimento da Avenida José da Costa Mealha, para a **Rua António da Costa Ascensão n.º 6 — Loulé**, onde continua aguardando as suas estimadas ordens.

SUL PREDIAL

Coloca 750 contos em fracções sob garantias hipotecárias. Vende 17 prédios urbanos, rústicos e mistos situados no concelho de Portimão.

Compra propriedades com rendimentos de cortiça até 1.500 contos e outras propriedades de grandes dimensões.

Trespasa estabelecimento de mercearias finas, e de fazendas nos melhores pontos de Portimão.

Encarrega-se da administração de prédios e cobrança de rendas.

Portas de S. João n.º 26 — Tel. 556 — Portimão.

Não compre

Móbilias ou adornos

para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

(antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ

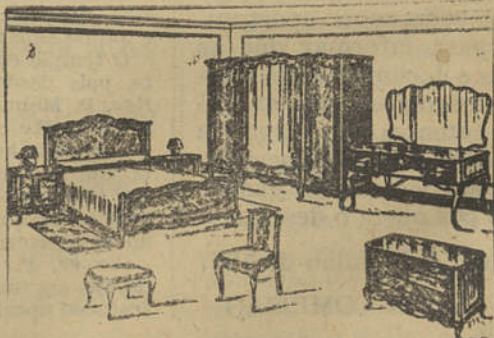
MOBÍLIAS ~ ESTOFOS ~ TAPEÇARIAS

Agente do famoso produto **SYNTECO**

(que resolve o problema do enceramento periódico)

Preços fora da concorrência

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa



ANO I

N.º 17

28 JULHO

1957



Correspondência
para
Casimiro de Brito
Rua Bocage, 140
FARO

Das minhas Memórias

A infância de GARCIA LORCA

Quando Don Vicente Domínguez arrendou LAS BALBUENAS a um granadino, tio de Frederico, continuou meu pai na direcção da casa de campo de Vicentino, como o autor dos meus dias chamava ao afortunado proprietário, por o ter conhecido desde a infância.

LAS BALBUENAS se chamava e continuaria a chamar-se uma das maiores e melhores quintas da região, cujas terras fecundíssimas, por um lado, beijavam o limite municipal de Palma del Río e, pelo outro extremo, lambiam as paredes de uma aldeia denominada Fuente Garretero, de onde desciam os seus terrenos, alargando-se até à mesmíssima margem do Genil, junto à qual se erguia a opulentíssima casa de campo, entre a qual e o rio, uma frondosa espessura de muitas e variadas árvores de fruto, circundava outro edifício, mais pequeno mas mais bonito e rico, chamado *El Señorío*, porque luxuosamente mobiliado, estava vedado a todas as pessoas excepto os donos, ou, na sua ausência, ao meu pai.

Em *El Señorío* de LAS BALBUENAS, pequeno palácio independente do vasto casario, meu pai era visitado pelo granadino arrendatário, que me prometeu trazer-me um amiguinho, seu sobrinho, mais pequeno do que eu, mas que também compunha pequenas canções, como eu, segundo me dizia o seu tio.

Com o calor sufocante do verão, chegou o esperado sobrinho do granadino, que me parecia tonto e sem habilidade para enganar uma pera. Até os rapazitos da quinta ridicularizavam o jovem Frederico, dos quais me vi obrigado a defendê-lo, nos maiores apuros, porque, algumas vezes, lhe batiam com a biqueira dos sapatões, como a um feixe de avelã.

O agulhão do seu génio não me parecia tão afiado como o seu tio me exagerava: Tanto mo tinha exagerado que (superlativo equívoco!) encontrava apagada a sua atracção!...

Nem a sua iniciativa se elevava a nenhuma distância nem, como poeta, se levantava dois palmos. Para mim representava uma calamidade com todas as suas consequências: Uma *birria* vestida de ilusões!...

Mas aproximava-se o esmigalhamento dos meus conceitos, do mesmo modo que se esmigalhavam sobre o solo os ovos caídos do ninho de uma andorinha.

Uma poesia de Vital Aza, tão graciosa como todas as do poeta da *Pola de Lena*, me conformou com o garotito.

Como por aquele tempo faziam furor no teatro obras como *El Soldado de San Marcial* e *La Pasionaria* de Leopoldo Cano, *El Gran Galeoto* de Echegaray, *El Sombrero de Tres Picos*, não me recordei de Vital Aza ou Pedro Antonio de Alarcón e outras do mesmo estilo, a minha inclinação pelo teatro era tanta, que me propuz levar à cena, alargando-se até ao exagero com a minha própria trilhação, a mencionada poesia do referido asturiano que aludia às impertinências de um libertino (*gorrón*).

Atarefado com o trabalho, solicitei a colaboração de Frederico, mais do que pela ajuda que me poderia prestar, para sondar a sua verdadeira capacidade, resultando-me de tão proveitosa utilidade que, em poucas semanas, rodeámos os dois actos de EL GORRÓN, para cuja estreia, que teve lugar em Fuente Carretero, requeremos a presença de uns amigos de Elciza, que o próprio Dom Vicente nos trouxe no seu coche.

A gente de Fuente Carretero recebeu-nos de ponta, porque não peravam nenhuma eficácia do trabalho de uns garotos tão ternos como nós, mas a popularidade de Vital Aza despertou a curiosidade do povo que abarrotou o armazém, equipado para o caso pelo senhor Domínguez que, em abono da verdade, recolheu o dobro do dinheiro gastado, porque, em vista do resultado, se repetiu o espectáculo outras noites mais.

Assim se uniram, naquela ocasião, ao nome célebre do falecido Vital Aza, os de dois pequenos garotos chamados Frederico García Lorca e

M. OSTOS GABELLA
Do Espanhol por C. B.

Poetisas do Brasil

JANGADAS

Quando, em manhã silente, entre os palmares,
vagueia a brisa em pávidas querelas,
partem, cortando a vastidão dos mares,
brancas jangadas de enfunadas velas.

Ora se isolam, ao sabor dos ares,
tardias estas, rápidas aquelas,
ora se alinham, caminhando aos pares,
numa atracção feliz, unidas, belas.

Lá, muito ao longe, uma outra mais veloz,
a perder-se no verde-azul das vagas,
quase tragada pelo abismo atroz,

vai, no horizonte, aos poucos, escondendo,
tal como vão as esperanças magas
no mar da vida desaparecendo.

RITA DE LARA

Do livro inédito «AVES SEM NINHO»

Publicações recebidas

O LIVRO DAS MIL E UMA NOITES — publicação em fascículos, da Editorial Estúdios Cór, com a colaboração dos principais nomes da nossa literatura.

MALVARROSA — revista poética dirigida por Manuel Ostos Gabela — Valência / Espanha.

CARACOLA — revista malagueña de poesia.

A HARPA DE ERVAS — romance de Truman Capote.

CICLONE NA JAMAICA — romance de Richard Hughes — ambos da Editorial Estúdios Cór.

POEMAS DA NOITE NOVA — José Carlos Gonzalez — edição do autor.

O CISNE NEGRO — Thomas Mann — Editorial Estúdios Cor-POEMAS DE AUSENCIA — Julio Mariscal Montes — Colección Lazarillo.

LA ESTAFETA LITERARIA — Madrid.

O HOMEM PERVERTIDO — contos de Roussado Pinto — Editorial Organizações, Ld.ª.

O CISNE NEGRO — Thomas Mann — Editorial Estudios Cór.

LINARES — revista espanhola de artes e letras.

A COOPERAÇÃO; A PLANÍCIE; DOM QUIXOTE; CORREIO DO SUL; ETC..

A todos os nossos agradecimentos.

Elegia para um Epitáfio

Moça querida era o nome.
dos homens? — não sei.
o eléctrico morde, resvala, soluça:
para isso paguel.
e os olhos, os lábios, os dedos, o peito,
calei na janela.
subiram
sorriram
desceram
as moças:
a querida era aquela.

(em pombas em lenços em olhos de mãe
saí da janela.)

Eduardo Olímpio Espada

Moça querida foi o nome. Nos olhos dos poetas floruiu e cresceu nos dedos do mundo com reflexos de verdade e desejos de altura.

Moça querida era o nome. Suspendem-se nos eléctricos, na esperança dos que partiram, no bico das canetas dos cantores e subiu até ao sonho.

Moça querida era o nome da primeira canção, da última canção, da única canção.

A ternura só floresce uma vez e os sonhos bons nunca chegam a criar raízes.

Moça querida é a voz do vento a soluçar solidão. Moça querida é a tristeza do orvalho ao ser tragado pelo sol.

Moça querida é o arame inquebrantável e mil vezes pressentido e invisível das nossas algemas.

Moça querida é o canto vermelho da nossa liberdade malograda.

Moça querida era o nome!... Foi decorado pelos pássaros e escondido no fundo musgoso dos vales sem história.

Moça querida era o nome!... Nasceu na Primavera. E a Primavera o levou quando as folhas tombaram e o sol veio pendurar hemoptises nas veias outonais da última esperança frustrada.

Moça querida — irmã, papoila, cardo, beijo, amplexo e raiva.

Moça querida! Moça querida!...

Já me esqueci da música mas os pássaros e o vento não se cansam de repeti-la nos minutos informes e horizontais da solidão.

Moça querida era o nome, mas hoje é a sombra. A sombra sem limites nem tempo duma violeta ressequida e inodora, abandonada na manhã clara e azul, na única manhã clara e azul desde o princípio da terra.

Simplex e grande. Fora como se o princípio duns dissesse num beijo: MOÇA QUERIDA!

ERA o nome...

MARIA ROSA COLAÇO

...referenciaresmos todas as publicações que nos forem enviadas...

...solicitamos envio de colaboração para esta página...

Sucessão e não Derrota

Para quê desejar o que não fizeram meu
e passar no passeio dos brancos... quando
a cor proibida e negra a sentimos no peito?

Para quê beber nas fontes silenciosas
as águas da juventude já perdida?

Contar as pedras do passeio uma a uma
ou as estrelas do céu como agulhas num palheiro
e roubar vilmente o tempo para o fazer?

Para quê (não pergunto aos céus mas a mim mesmo)
cantar com lágrimas nos olhos
enganando-me e tornando
a enganar-me sem razão?

sabido que o rio corre para o mar e atropela
um milhão de pedras que também existem...

... sabido que as sinfonias jamais se completam
porque o vento ultrapassa os acordes instrumentais...

... sabido que Manuel Bandeira se é poeta
é porque tem no coração e em comunidade pedras e rosas...

A vida é este desfilar de sonhos
acabando sempre num Termópilas mais sangrento.

Há sempre porém um despertar:
A RAIZ VERDE DE OUTRA VERDE ESPERANÇA
DE MAIS UM SONHO QUE FALTA SONHAR.....

Casimiro de Brito
Junho de 1957

Para a destruição da beleza

Sexto Poema

Lança a tua estrela ao rio!

Não venhas mais, palpitante, despedaçada...
Ergue o vento de todas as tempestades
Quebra o silêncio de todas as rotas violadas
Sem um rumor de asa em flor e ilumina
Esta alma
Que mendiga em todos os cais
As lágrimas de todas as partidas.

Lança a tua estrela ao rio!

RUI MENDES

Coimbra

Impressões de Leitura

Emiliano da Costa

*História do reconhecimento do seu valor
como Poeta — Por Elvíro Rocha Gomes*

É um trabalho de divulgação, e apenas como tal deve ser considerado. Elvíro Rocha Gomes, ele próprio poeta, interessou-se vivamente pela obra de Emiliano da Costa, e concretizou a sua admiração pelo poeta algarvio, o maior dos poetas algarvios contemporâneos, nalguns trabalhos que se tornavam necessários para melhor conhecimento da obra do Poeta.

Este trabalho, não é mais do que uma tentativa para reunir tudo o que de interessante se escreveu sobre Emiliano da Costa. Trabalho que considero oportuno, competente — e que coloca o seu autor numa posição considerável: Elvíro Rocha Gomes é o primeiro intelectual que se dedicou ao estudo da obra do poeta Emiliano da Costa (sem dúvida um dos valores activos da nossa poesia, apesar do seu nome não ser frequentemente citado nos jornais e revistas literárias).

Que a sua voz perdurará, e marcará uma época, ela só, na poesia algarvia, não restam dúvidas nenhuma...

E que Emiliano da Costa não recebeu ainda todos os aplausos que a sua obra merece, também é uma verdade insofismável...

Ou dar-se-á o caso de tantos outros poetas que, só depois da sua morte, recebem os louros merecidos?

A obra Emiliano aí está — e vale imensamente mais do que todas as palavras que a ela se refiram... (Oferta do Autor).

O Cisne Negro

Novela de Thomas Mann

Na Colecção Latitude, que o escritor algarvio Nataniel Costa dirige com acerto assinalável, foi publicada agora a penúltima obra do escritor alemão Thomas Mann: O CISNE NEGRO.

Thomas Mann, Prémio Nobel de 1929, é já bastante conhecido dos leitores portugueses. A sua obra está quase toda traduzida na nossa língua, e recentemente a mesma Colecção Latitude apresentou o último romance de Thomas Mann: AS CONFISÕES DE FELIZ KRULL, CAVALHEIRO DE INDUSTRIA. Mann morreu há dois anos, na Suíça, e portanto as duas obras citadas são os últimos trabalhos (publicados) do grande escritor.

O CISNE NEGRO, é o que se pode classificar de uma história-quase-tese, pela dose de ficção nítida que encerra e pela autenticidade mascarada nessa ficção, colocando-nos perante personagens que nos parecem familiares. Notável a ternura moldada por Thomas Mann nas personagens que cria. A ternura rígida, aliada às verdades difíceis de dizer, no diálogo entre mãe e filha (onde os papeis se invertem, sendo a filha a aconselhar a mãe, procurando facilitar-lhe o bom caminho), cria um ambiente de simpatia pelas duas mulheres—apesar dos seus pensamentos antagónicos...

Thomas Mann quer dizer-nos que as pessoas não têm culpa que uma força interior as guie por um caminho errado. Ou talvez que não há caminhos errados, quando é o coração que nos guia...

Resumindo: uma novela de Thomas Mann, e parece que está tudo dito. Tradução de Domingos Monteiro, muito cuidada. (Oferta da Editorial Estúdios Cór)

Poemas de ausencia

De Júlio Mariscal Montes

Júlio Mariscal Montes, um dos valores da poesia espanhola contemporânea, e autor de *Corral de Muertos* e de *Pasan Hombres Oscuros*, surge-nos agora em *Poemas de Ausencia*.

São vinte e quatro poemas, ou vinte e cinco estrofes de um só poema: o profundo sentimento do poeta. Ausência, ausência, ausência—é todo o amor apenas desejado; é essa evocação sucessiva de uma imagem que é só miragem; é o tempo que passa, o silêncio, talvez o medo do amor (esse medo de amar que atormentou Casimiro de Abreu)...

No vuelvas, amor mío.
Déjame eternamente buceando eu tu ausencia.
Prefiero el cardo de tu olvido,
la batalla campal con tu recuerdo.
Prefiero este evocarte como te he ido soñando,
como te he ido creando en mis noches de insomnio,
a la decepción triste, chata, del encontrarte;

Fresco, o simbolismo de Julio Mariscal Montes. Nada de imagens difíceis, nem de originalismos forçados. É puríssima a poesia de Montes:

Qué haré con tanta tarde, con tanto corazón,
con tanto barro,
si no tengo tus ojos para alzar-me?

Poemas de Ausencia, vinte e quatro pétalas de uma rosa lírica, quase irreal, verdadeiramente poética, é a expressão que consideramos necessária, plenamente necessária, para colocarmos J. M. Montes entre os jovens grandes poetas que conhecemos...

C. B.

Vítima

Veio voando veloz,
Num vôo vibrante para a vida.
E eu vi-a vibrar no espaço,
Vendo vertigens ao vê-la.

Viera um projectil atroz
Vará-la, virando-a para a morte.
E vendo-a agora vergada,
Vertendo lágrimas de dor,

Virei-me, vingando a sorte
Daquela que vira viver
Voando vibrante na vida.

Nita Lapa

Nota de C. B. — Mais um nome novo entre os colaboradores de PRISMA. Pouco conhecemos da sua poesia, Nita Lapa, e pedimos-lhe que nos envie novas produções. Especialmente não se prenda a «malabarismos» ...a série de vvv não conta na beleza da poesia ...esta quer-se totalmente nua de efeitos exteriores à sua própria essência.

F. N. A. T. Colónia de férias de Albufeira

Arrendamento de Figueiras e Alfarrobeiras

A 5.ª Secção deste Organismo, na Calçada de Santana, 180,—Lisboa—aceita propostas até às 17 horas do dia 7 de Agosto para o arrendamento de 180 figueiras e 3 alfarrobeiras que possui na sua propriedade de Albufeira.

As propostas, em papel selado, deverão ser dirigidas em carta fechada e lacrada ao Presidente da Direcção da F. N. A. T., com a seguinte indicação no sobrescrito:

—«Propostas para arrendamento de figueiras e alfarrobeiras»—.

O Chefe dos Serviços

Lisboa, 22 de Julho de 1957

Vaga de incêndios

Últimamente, talvez em consequência do calor abrasador que se tem sentido na nossa região registaram-se numerosos incêndios, dos quais a população da nossa vila tem tido pronto conhecimento, pelo soar estridente da sireia, a chamar os Bombeiros Municipais.

Estes ocorrem sempre com uma prontidão digna dos maiores elogios, a eles se devendo em grande parte que, até agora, os sinistros não tenham tido mais graves consequências, pois geralmente têm conseguido debelar os fogos e evitado a sua propagação.

VENDE-SE

Mobiliário de casa de jantar e máquina de costura.
Nesta redacção se informa.

Ecos de QUERENÇA

Nos próximos dias 28 e 29 do corrente realizam-se nesta freguesia as tradicionais festas em honra de Santa Rita de Canina, de cujo programa constam as habituais cerimónias religiosas e várias diversões ao ar livre.

A aparelhagem sonora de Gomes da Costa, abrilhantará as festividades.

—De 1 a 8 do corrente realizam-se na sede desta freguesia os exames do 1.º grau, tendo feito parte do júri o sr. José Marcos e a sr.ª D. Maria Amélia Cavativo Leonardo Ferreira.

—Em gozo de licença, encontra-se entre nós o sr. Manuel Correia Lourenço, agente da P. S. P. em Faro.

—Com a idade de 40 anos faleceu na aldeia da Tor, no passado dia 3 do corrente a sr.ª D. Maria Pires de Sousa, que deixa viúvo o sr. Casimiro de Sousa e era mãe dos meninos Albino Pires de Sousa e José Pires de Sousa.

—No sítio dos Corcitos também faleceu há dias a sr.ª D. Maria António Estevão, mãe das sr.ªs D. Ilda Estevão Rodrigues e D. Maria Estevão Rodrigues e do sr. Francisco Estevão Rodrigues.

Parque DE CAMPISMO

(Continuação da 1.ª página)

tos, boa água canalizada e brevemente terá luz eléctrica e um telefone. Possui ainda locais para estacionamento de automóveis e atrelados.

Mas claro que tudo isto seria muito pouco para atrair campistas. O real valor deste excelente Parque de Campismo e o que mais contribuirá para que seja largamente frequentado por nacionais e estrangeiros, é sem dúvida a amenidade do clima algarvio, a feliz escolha do local, servido por uma estrada de turismo; dentro de uma verdejante mata; próximo de uma praia-povoação onde o campista se pode abastecer do que necessitar. Tem ainda a poucos minutos um mar normalmente calmo e uma ampla praia para jogos ou banhos de sol.

Congratulamo-nos com esta feliz iniciativa da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António que assim dotou o Algarve de mais um elemento de valorização turística, já que neste capítulo quase tudo o que a nossa província possui é obra da natureza.

Oxalá mais algumas câmaras do Algarve lhe sigam o exemplo, especialmente na região Portimão-Lagos-Sagres, onde tem sido grande a afluência de turistas-campistas, especialmente franceses, que, parece, estão «descobrendo» o Algarve.

Acreditamos que Loulé também terá um dia o seu Parque de Campismo quando o arvoredo recém-plantado no Parque Municipal atingir a «maior-idade».

Mais uma dose diária de rápido

Como já vai sendo habito durante a época balnear, também este ano a C. P. quiz «brindar» o Algarve com uma dose diária de rápido entre a nossa província e Lisboa, com partida desta cidade às 8,50 e chegada às 21,25. As chegadas a Faro e Vila Real de Santo António efectuam-se, respectivamente, às 16,03 e 17,18. Para Lisboa, o «rápido» parte de Vila Real 12,55 e de Faro às 14,10.

Teve início em 25 do corrente e prolonga-se até 8 de Outubro.

Clichés deste mundo

(Continuação da 1.ª página)

Entrou e sentou-se. Aquilo era bom e a alegria e o nervoso punham-lhe a cabeça à roda e o coração quase saltava dentro do peito. Havia de contar lá na terra...

Mas pela porta que não parava entrou um aspirante. Ele perfilou-se e pediu licença para ficar:

—Posso permanecer, meu aspirante!?

—Não senhor, saia. Saiu, claro. O outro é que mandava (a entrada pública no café só era das ali-neas da contribuição).

Sobre a mesa até o copo de refresco, abandonado, suava por fora pondo no vidro um som cínico e incolor de sorriso baço.

II

«Num avião superlotado na viagem de Nova Orleans para Washington, paramos em Atlanta e eu saí para fumar um cigarro. Quando tornei a embarcar, entrei atrás de um soldado raso, com peito de garoto. Iamos atravessando o corredor quando ele parou bruscamente. Seus ombros penduram e eu o ouvi engolir em seco. Percebi imediatamente o problema: havia um coronel sentado no seu lugar.

Mas ele logo se proximou e bateu no braço do coronel: —O senhor me perdoo, mas este lugar está tomado. O coronel levantou-se, pediu desculpa e deu o lugar ao soldado.

O incidente demorou apenas uma fracção de segundo, mas havia por trás dele 180 anos de civilização americana».

(Das «Seleções»
Maria Rosa Colaço

Ano de abundância

Prevê-se que a colheita cerealífera do corrente ano seja das mais abundantes de que há memória no País, pois, segundo estimativas do Instituto de Estatística, e em relação a um índice de 100 da produção média por hectare em 1956, os valores do presente ano devem ser os seguintes: trigo de inverno, 133; centeio, 116; aveia, 134 e cevada 131.

A F. N. P. T. chama a atenção dos produtores de trigo e cevada para as condições mínimas que devem apresentar os lotes a entregar nos seus celeiros, especialmente no que se refere à humidade do grão e à percentagem de impurezas.

Foi inaugurado o novo edifício da P. S. P. de Faro

(Continuação da 1.ª página)

Coelho, que unanimemente se congratularam por verem a cidade dotada de um melhoramento de que há muito vinha necessitando, pois assim a P. S. P. passa a dispor de umas instalações dignas que lhe proporcionem mais eficiência nos serviços e lhe conferem uma dignidade mais de harmonia com os relevantes serviços que presta.

Construído em frente da actual entrada da Alameda João de Deus, o excelente edifício, de linhas harmoniosas e sobrias, constitui um dos mais importantes imóveis que ultimamente se tem erguido em Faro e que assim ficou dotada do primeiro edifício construído no País especialmente para este fim.

O dinâmico Comandante da P. S. P. do nosso distrito, sr. capitão Marques Loureiro teve o ensejo de verificar quanto a sua obra tem sido apreciada, não só para dignificação da Corporação que serve com tanta devoção, como também pela dedicação manifestada para com a «Casa dos Rapazes», obra de regeneração moral a que se entrega com todo o carinho.

«A Voz de Loulé» gostosamente se associa a quantos sentem a alegria da obra inaugurada e vivamente felicita o sr. capitão Marques Loureiro pela cota parte do seu esforço no consequimento deste importante melhoramento para o Algarve.

DOIS MORTOS

(Continuação da 1.ª página)

Se a face deste homem tivesse de ser esculpida numa medalha, no reverso teríamos de gravar outra figura, essa não menos querida, quicá mais atraente — a do Dr. António Guerreiro C. Frade, o Dr. Fradinho, como geralmente era conhecido, e falecido poucos meses antes do Dr. Lopes. Dum trato cativante, duma modéstia sem par, a sua presença irradiava confiança e predisponha à cura, como médico abalizado que era. Ao cabo de poucos minutos de consulta o doente sentia-se outro, sentia-se aliviado de grande parte do seu sofrimento. E que o seu diagnóstico era irrevogável.

E contudo tratava-se dum médico doente, uma pessoa que sofria de dores atrozes a todas as horas do dia. Como conseguia ele o milagre de incutir confiança no doente sem que este desse pelo mal do médico?

Por um processo que só as grandes abnegações conseguem: fugindo à própria dor, escondendo-se de si próprio, para, à distância, encontrar o ambiente de carinho com o qual servia o seu doente, o seu enfermo.

Quase à beira da morte, quando já não restavam esperanças de lhe salvar a vida, o autor destas linhas perguntou-lhe: E agora, que vai fazer?

Tratar dos meus doentes —foi a resposta. E como não bastasse esta declaração, logo acrescentou, com o ar mais natural deste mundo: «Se nos poucos dias que me restam conseguir devolver à vida sã meia dúzia de enfermos, ou um só que seja, já me julgo bem recompensado pelo sacrifício feito».

Creio que não é possível ir-se mais longe no caminho da abnegação. Sopesar a própria vida, pondo-a em confronto com a dos outros e decidir-se por estas, excede em muito a capacidade humana.

Obras no Algarve

Pelo Ministro das Finanças foram abertos créditos especiais a favor do Ministério das Obras Públicas para que sejam realizados no Algarve os seguintes melhoramentos: obras nas campinas de Silves, Portimão e Lagoa. 667.065\$60; enxugo dos sapais algarvios, 6.979.301\$2 e obras no porto de Vila Real de Santo António, 1.500 contos.

TURISMO no ALGARVE

Com a chegada do verão, tem aumentado consideravelmente a população fluante na nossa província, constituída por forasteiros que aqui veem para passear ou repousar.

Não admira que o numero de forasteiros e turistas venha aumentando de ano para ano. O Algarve é todo ele uma autêntica estância de veraneio. Há praias sossegadas para os que querem repousar. Há praias buliçosas para os que preferem divertir-se. E há nas serras, lindos e reconfortados lugares para os que precisam dos seus ares sádios.

Só é de lamentar que por falta de iniciativa ou por «medo de enterrar dinheiro» se não tenham feito obras imprescindíveis ao desenvolvimento do turismo no Algarve.

Uma ou outra iniciativa isoladamente não chega. Era necessário obra de conjunto. A Hora do Algarve há-de chegar!

sobretudo quando o interesse material paira num plano muito inferior.

António Frade era assim. Apesar da sua cultura geral ser grande, quase enciclopédica, notava-se-lhe um certo receio de abordar temas científicos. Se o dever de officio, porém, o levava a isso ou a conversa dos amigos o arrastava até esplanar assuntos de alta cultura, a sua voz adquiria tonalidades que encantavam, pois eram exactamente as ciências naturais e as matemáticas, juntamente à medicina, os assuntos da sua predilecção.

Nos oito dias que antecederam a morte, a sua casa foi um ponto de romagem. O seu funeral, feito sob uma chuva algida como a neve, deu lugar a que alguém dissesse: «Aqui todos choram, até a própria Natureza verte lágrimas que nos chegam ao coração».

Recordar os bons é saldar uma dívida de gratidão que nem o tempo nem o espaço podem anular.

J. G. P.

Novos postos telefónicos

Foram recentemente criados e abertos à exploração os seguintes postos telefónicos públicos no concelho de Loulé: Vale da Rosa, (Salir); Pena, (Salir), e Esteval dos Mouras, (Alte).

Ficaram encarregados destes postos, respectivamente, os srs. Francisco Joaquim Cavaco, D. Irene Joaquim e o sr. Manuel Rodrigues Apolo.

Felicitemos a Administração dos C. C. T. por esta feliz deliberação e igualmente as populações agora servidas por este utilíssimo meio de comunicação, de capital importância para os que habitam aqueles desolados montes, para onde os caminhos são raros e difíceis e que não dispõem de quaisquer recursos para acudir a uma emergência.

Com a possibilidade de utilização do telefone ficam aqueles sítios menos isolados do mundo e qualquer doente já poderá mais rapidamente ser socorrido.

Oxalá em breve os C. C. T. possam alargar esse benefício a todos os sítios do nosso concelho cujo aglomerado de população o justifique.

Légua Nacional

Com o seu objectivo de desenvolver a prática da corrida a pé por todo o País, (porque de facto é útil desentorpecer as pernas numa época em que a comodidade está prejudicando o desenvolvimento físico do homem), vai o popular Sport Lisboa e Benfica promover este ano a «Légua Nacional», de colaboração com o jornal desportivo «Record».

A competição terá as características da que se realizou em 1956 com assinalado êxito e a ela poderão concorrer atletas de todo o País que nunca tenham participado em provas oficiais.

A final da «Légua Nacional» será corrida em Lisboa entre os vencedores das «Finais Distritais».

Irão desenvolvendo-se sucessivamente as seguintes competições:

Eliminatórias: Disputar-se-ão a 4, 11 e 18 de Agosto.

Finais Distritais: a 25 de Agosto.

Final Nacional: a 1 de Setembro.

(—)(—)(—)(—)(—)(—)(—)

Homenagem

a Bernardo Passos

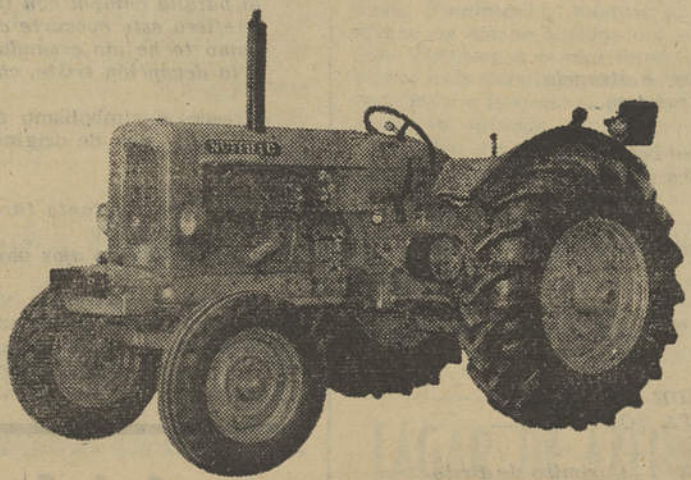
Prosseguem em S. Braz de Alportel os trabalhos de construção do monumento ao apreciado poeta algarvio Bernardo de Passos, estando marcado para 15 de Setembro a data da inauguração.

Presta-se assim uma justa homenagem a quem tanta honra e glória deu ao Algarve.

"NUFFIELD-UNIVERSAL"

○ mais moderno
e completo
TRACTOR DE RODAS

Características principais:



Tractor «NUFFIELD-UNIVERSAL» modelo «DM-4»

Motor «BMC» Diesel tipo «OEA/2», de 45 HP, 4 cilindros, desenvolvendo 43 HP no tambor de acionamento e 41 HP na barra de tracção. Caixa de 6 velocidades: 5 para a frente e 1 para a rectaguarda. Travão de mão para estacionamento. Travões de pé independentes. Arranque e instalação eléctrica (máximos, médios e mínimos) incluindo farol de lavoura e buzina. Pneus: 7.50×18 com 6 telas à frente e 14×30 com 6 telas à rectaguarda. Eixo das rodas da frente ajustável. Rodas de trás ajustáveis. Tambor de acionamento montado à esquerda, com embraiagem e conversão para a correia trabalhar para a rectaguarda.

Distribuidores exclusivos:

H. VAULTIER & C.ª

Telefone 239

9, Rua Conselheiro Bivar, 9-A

F A R O

Sistema hidráulico de 3 pontos de apoio para alfaia e báculos montadas. Cortina de radiador e termómetro. Barra de tracção ajustável. Conta horas. Tomada de força. Ferramentas e caixa para as mesmas. Almofada. Peso exterior montado à frente. Manivela. Espelho retrovisor e reflectores. Peso do tractor 3.080 quilos. Peso bruto rebocável autorizado 5.625 quilos.

MOBILIAS

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.^a em exposição permanente na

CASA MATIAS

Telef. 210 - LOULÉ - (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapeçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis
Colchões MOLA FLEX Mesas e cadeiras para CAMPISMO e PRAIA

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIAS EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceneiro, polidor e estofador



EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro - Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que JOAQUIM MANUEL GONÇALVES PONTES requereu licença para instalar uma oficina de reparação de bicicletas com soldadura oxiacetilénica, incluída na 2.^a classe, com os inconvenientes de barulho, perigo de explosão e de incêndio, situada na Rua Vasco da Gama, n.º 69, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 12 de Julho de 1957

Pel'O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

Arnaldo Guerreiro

Deseja ficar bem servido nas vossas pinturas?

Utilize DYRUP

Tintas para todos os fins desde 18\$30 cada quilo.

Representante exclusivo em LOULÉ

CASA IGNEZ

Av. José da Costa Mealha, 31 a 35

Não faça os seus seguros sem consultar

Castro Correia L. or

LOULÉ

As melhores condições, nas melhores companhias

João Caetano de Sousa Leal, Limitada

LOULÉ

TRESPASSA-SE a SECÇÃO DE RETALHO DESTA FIRMA

Por falecimento de um dos sócios e por outro não poder estar à frente das Secções de Retalho e Atacado.

Casa com mais de 50 anos de existência e bem localizada. Dão-se facilidades de pagamento.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal ou António de Sousa Leal.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro - Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que TEODORO GONÇALVES SILVA requereu licença para instalar uma fábrica de trituração de alfalfa para rações de animais e câmara de fumigação, incluída na 2.^a classe, com os inconvenientes de perigo de explosão e de incêndio, vapores incômodos e tóxicos e barulho, situada em Fonte de Boliqueime, freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando por todos os lados com o requerente.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 12 de Julho de 1957

Pel'O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

Arnaldo Guerreiro

Actividades da Casa do Algarve

a) Inserir no número do Boletim Informativo da instituição, que deverá ser distribuído gratuitamente a todos os sócios, nos princípios do mês próximo, além de abundante informação gráfica e turística, o discurso proferido em Faro, pelo sr. Dr. José Guerreiro Murta, na sessão solene da II Romagem de Saudade, dos antigos alunos, realizada no respectivo Liceu;

b) Publicar a música do «Hino de Sagres» da autoria da distinta compositora D. Elvira de Freitas, a que foi recentemente atribuído o prémio Libânio Correia, e fazer a sua distribuição gratuita a todos os sócios;

c) Aprovar propostas da Comissão Cultural para a publicação dos n.ºs 4 e 5 da Coleção «Estudos Algarvios», respectivamente: «Cândido Guerreiro», pelo Dr. Guerreiro Murta e «Necessidade da Defesa da Economia Agrícola Algarvia», pelo sr. A. Xavier da Fonseca;

d) Continuar a recolha de pareceres sobre a actividade de realização do III Congresso Regional Algarvio;

e) Confirmar a deliberação já tomada de isenção de joia aos sócios admitidos durante os meses de Julho, a Agosto e Setembro.

LEIA! ASSINE! DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

Farmácia MADEIRA

Direcção técnica de: Manuel C. Madeira

Avenida Marçal Pacheco, 74 a 78

(Em frente do Hospital)

TELEFONE 71 LOULÉ

Especialidades nacionais e estrangeiras

PRODUTOS QUÍMICOS

SUBSTÂNCIAS MEDICINAIS

ACESSÓRIOS

PERFUMARIAS, ETC.

Produtos destinados à higiene e à profilaxia

UMA VOLTA AO DICCIONARIO DA «VOLTA»

(Continuação da 6.ª página)

I — **Iniciativa** — Coisa que, a partir da posse da «camisola amarela», não é com o camarada «leader».

Invejoso — Todos quantos ocupam a classificação geral do 2.º ao último lugar. Uma espécie de quanto mais têm, mais querem...

J — **Júri** — Homens que registam a entrada dos corredores, em lote. Por vezes estes senhores, bons camaradas e desportistas, classificam os corredores que ficaram na localidade anterior, por uma questão do coração.

Justiça — Clamor de Loulé e Tavira que, a despeito das suas pistas e do seu passado ciclista, perderam a pista à «Volta a Portugal».

Talvez para o próximo ano a descubram...

L — **Limpinho** — O triunfo de Alves Barbosa, que conta no «papo» mais uma volta, e que está para o triunfo por A + B.

Luanda — Uma equipa que veio por mar e por isso meteu água salgada...

M — **Meio fundo** — Seguir atrás de um veículo para se furtar ao inconveniente da pressão atmosférica. O que faz na vida e o que afinal muita gente anda a fazer na «Volta».

Meta — Não há corrida, etapa ou «Volta» que não meta Meta. Nada tem com o verbo meter — daí a acção policial para afastar a gente estranha à corrida; Meta linha equatorial desenhada a cal, bem visível, que divide duas etapas a meio de uma rua; a Meta também mata, ou pode matar... Vidé jornais de 22 de Agosto de 1956 quando da chegada dos corredores a Vila Real de S. António.

N — **NORTE DESPORTIVO** — Só aos domingos e quintas-feiras se publica. Fora disso, todos os pontos cardeais servem à «Volta» — o Norte, o Sul, o Leste e o Oeste. Daí a prova uns dias ter Norte e outros não ter...

O — **Organização** — Vidé Volta e Meia Volta.

P — **Polícia V. T.** — O mais inglório cargo de todos quantos «alinhm» na «Volta a Portugal». Corta sempre a meta em primeiro lugar, e nunca lhe deram a «camisola amarela».

Porto — Cidade do Noste, onde a «Volta» se iniciou e deveria acabar. Porém, a Organização veio mostrar que um circuito nem sempre acaba onde começa, mas sim na Capital, o que é de «capital» importância para o ciclismo. Também grande clube — mas em futebol.

Q — **Quilómetros** — Coisa a que a Direcção da «Volta» não olha... Tanto se podem fazer 1100 quilómetros em 3 dias como 300 num mês.

Quebra-cabeças — O «Jogo da Glória» das últimas etapas da «Volta», a que não falta o «Po-

ço», o «Inferno» e, até o... «Caranguejo»...

R — **Ridículos** — Este Jornal não veio à «Volta». Não lhe vimos o carro, na caravana, mas acompanha a prova em espírito. Aqui, ali e além, surgem sempre os ridículos...

Ribeiro da Silva — Inimigo n.º 1 do Alves Barbosa; o homem a quem cortaram as voltas na «Volta», mas não cortaram as pernas — felizmente.

S — **Sporting** — Se o Trindade fosse «vivo»... Tirou a raposa e descalçou as polainas, não contando com a chuva que ia enfrentar no Norte. Se perdesse as cal... kinhas, não resistia à temperatura nortista.

Salgueiros — Pouca «sombra» conseguem fazer... depois dos descampados alentejanos...

T — **Tavares da Silva** — Basta um charuto para o adjectivar. É que nem todos os Seleccionadores Nacionais fumam de charuto antes e depois dos «Portugais»... Enquanto não volta à Seleção, faz pela volta...

U — **Último** — Aquilo que ninguém quer ser, sobretudo depois dos «controlistas» terem virado as costas à meta. O lugar mais destacado depois do camisola amarela. Devia usar uma camisola roxa. Felizmente que a União Velocipédica não tem baixa de de divisão...

V — **Volta** — Corrida disputada por muitos corredores, que vão desistindo, galardoando-se o «leader» com uma camisola «canário». Uma coisa que se faz todos os anos sempre com tendência para pior. O que será a LXIII Volta a Portugal, no ano 2.000?

Volta e Meia — Percurso de uma corrida denominada «Volta a Portugal»; asneiras que definem a actividade dum júri de partidas ao Ribeiro da Silva e de chegadas ao clube da sua afeição.

X — **É mudo**. Não quiz entrar na «Volta». Tem quatro valores que não fazem equipa. Vale de os quando é preciso assolar a zaragata; tem o valor de z quando é indispensável o entusiasmo no Lima e em Alvalade; vale de s quando é necessário prolongar a «Volta» por mais uns dias, e também vale de x quando exprime o descontentamento do pagode por esta XIX Volta a Portugal. «XXX»!

Z — **Zargata** — Coisa feia e proibida por anti-desportiva. Será desclassificado, no primeiro dia em que o júri reuna, quem incorrer em zás... trás... pás... Zé — Aqueles que ainda acreditam no ciclismo português... Dividem-se em «tripeiros», «águias», de Lisboa e de Alparça, «lagartos», «barbosistas», etc.

António Augusto Santos

Eugénia Soares

Enfermeira-Parreira-Puericultora

Partos ~ Crianças ~ Tratamentos e Injecções

Av. José da Costa Mealha, 38

Telefone 257 LOULÉ

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

LOULÉ

Ria se kaiser...

NUM EXAME DE HISTORIA:—

— Diga-me o que sabe sobre a mulher na Idade Média.

— Nem uma palavra. Nunca conheci nenhuma nessa idade.

— O quê! pois tu perdeste a tua sogra e não me deste parte disso?

— Não. Não dei. Eu tenho por princípio não excitar invejas aos meus amigos.

— Maria, vocemecê era capaz de servir o jantar hoje no jardim?

— A criada, que acabava de chegar da província:

— Pois não, minha senhora, eu até gosto muito disso e faz-me lembrar lá na terra quando dava de comer aos porcos.

O marido, depois de uma ceia com amigos, que se prolongou até quase de madrugada, chegou a casa. A esposa, sonolenta, perguntou-lhe as horas.

— Uma hora — respondeu o marido.

Naquele instante, o relógio da torre bateu, indiscretamente, as quatro.

— Relógio idiota! — exclamou furioso, o retardatário. Todos sabemos que é uma hora; não é preciso repetir isso quatro vezes!

— Agora usa, depois que o padrinho morreu. Eram os olhos dele; e entendi que era uma pena não os aproveitar!

— Então porquê?

— Porque ele estava de botas.

Num baile um par conversa já em boa camaradagem.

O cavalheiro, querendo brincar, pergunta à dama:

V. Ex.^a é capaz de me dizer qual a diferença que há entre o espelho e uma mulher?

Não sei, responde a senhora.

É que o espelho reflete sem falar e a mulher fala sem refletir.

Acto contínuo a senhora pergunta:

O senhor é capaz de me dizer qual a diferença que há entre um espelho e o senhor?

Não sei.

É que o espelho é polido é o senhor não.

CONVERSANDO:

Ela: — Então o que lhe sucedeu, que está tão pensativo, senhor Evaristo?

Ele: — Apresentei ao meu melhor amigo a minha noiva, e por fim foi ele que casou com ela!

Ela: — Não se incomode com isso. Há ainda muitas mulheres por esse mundo.

Ele: — Bem sei que as há, mas amigos é que há poucos.

No consultório:

— Se quiser ter saúde, coma fruta, pão torrado, sumo de laranjas, e muito pouca carne.

— Senhor doutor, antes ou depois das refeições?

— Visado pela Com. de Censura

O seu coração sangrava, oprimia-se e, nem voltando os olhos para o céu, nem confessando abertamente os seus pecados, encontrava lenitivo para o silêncio suspeito que parecia envolvê-la. Já ninguém falava da aranha, mas todos os olhos lhe pareciam penetrantes como setas, a indagar quando chegaria a hora em que se apoderariam do seu menino, para se reconciliarem com o espírito mau.

A infeliz sentia punhaladas de amargura ao ver-se só e tão desamparada, contra a força aculta que girava em roda.

Só uma alminha de Deus, a sogra, era por ela; mas o que podia fazer uma velha contra uma multidão desvaída?

Havia ainda o marido... mas aquele amor pelo gado não o deixava ter muitos pensamentos sobre a gravidade do caso. É verdade que o padre tinha prometido vir tão depressa e tão cedo, quanto fosse preciso, mas até lá, o que não poderia acontecer, e entre o chamar e o vir, o único guardião de confiança seria aquele marido que afagava mais docemente o focinho duma vaca do que beijaria o rebento prestes a nascer. E na sua solidão lembrava-se que morava na mesma casa que Cristina e que seus maridos eram irmãos e não tinha ali ninguém do seu sangue, pois entrara na casa como órfã. O seu único bálsamo era a oração que a bondosa sogra acompanhava com profundos suspiros; mas tudo desaparecia ao encontrar os olhos frios e vermosos sobre si outra vez.

Entretanto o dia ia-se aproximando, ao mesmo tempo que o susto se ia avolumando. Verdade seja, que não havia motivo para tanto porque só aqui e ali se partia uma peça dum carro e de aranhas já ninguém falava. Mas logo que o medo diminuía em alguém, logo qualquer um dizia ou pensava que o mal acabaria por si próprio e que era preciso pensar e repensar bem, antes de se pecar por meio de um inocentinho. Estes sofismas faziam inchar a cara de Cristina a olhos vistos e aquele que assim falava ou pensava, atraía sobre si, com nova fúria, a morte do seu gado. Quanto mais se aproximava a aguardada hora, mais parecia prestes a rebentar numa calamidade. Foi então que se tornou mais decisivo o ajuste. Era preciso tomar conta duma criança, e já. Havia apenas um único obstáculo: era o marido porque lhes repugnava usar da violência contra ele. Este porém era um paz de alma, pronto a auxiliar sua mulher e a ir buscar o padre mas sem pressas algumas. Do que acontecesse durante a sua ausência não se sentiria culpado, e assim se julgava em paz com a sua consciência e com Deus.

Para maior tranquilidade, tinha ainda as missas e, a favor da pobre alminha que devia nascer, ainda havia também remédio a dar, pensava ele, talvez o virtuoso padre a salvasse outra vez das mãos do mafarrico, e assim o negócio estaria concluído e nova festa se faria

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 20

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

na sua casa por ter posto «Diabo com o nariz á banda. Mas acontecesse o que acontecesse, em toda a questão não teria culpa alguma, contanto que não intervisse nele com as suas próprias mãos.

Assim foi vendida a pobre indefesa sem o saber; esperava, cheia de insosso pela salvação, e resolvida entre os homens estava a punhalada no seu coração—mas o que tinha resolvido o lá de cima, ainda as nuvens que estão em frente do futuro o encobriam.

Chegaram as colheitas, mas o tempo corria tempestuoso e todas as forças estavam ansiosas para trazer o cereal para debaixo de telha e gozar aqueles belos dias campestres. Era uma tarde quente de estio e as nuvens encastelavam-se formando cabeços escuros no topo das serras, as andorinhas esvoaçavam rentes ao chão duma maneira invulgar. A futura mãe sentia-se agora mais oprimida e só, em sua casa, pois até a velhota tinha saído neste momento a dar uma ajudazita no campo, mais com vontade do que com a acção. E o primeiro anúncio apareceu; uma dor fina atravessou-lhe a medula e a vista entenebrecceu-se. Sentia chegada a sua hora e ela tão desprezada.

Agitada, como louca, fugiu de casa e a muito custo quis dirigir-se ao campo, mas as forças abandonaram-na e teve de se sentar; quis atirar a voz para longe, mas esta não queria sair do peito opresso. Foi a um seu filho, pequeno garoto que, por assim dizer, ainda há pouco tinha deixado de fazer tem-tém, que aquela alma em tormenta pediu para ir chamar seu marido ao campo, sem ao menos saber se as suas perniças aguentariam até lá. Mas o fiel rapazinho viu cheio de dó, a aflição da mãe e correu, e caiu, e levantou-se outra vez, e deixou tudo: o gato que espreitava os coelhos, as pombas e galinhas que debicavam sob o seu olhar vigilante, e o carneirinho que esperneava e saltitava a seu lado. Nada disso o empecou na sua missão, não se deixou atrazar, e cumpriu-a. A avó apareceu, ainda ofegante da corrida que as suas frouxas pernas permitiram, mas o ma-

rido mandara recado, não se demoraria nada, apenas o tempo de descarregar um carro de bois. Decorreu uma eternidade, e ele sem vir, por fim encetou, de seu vagar, o longo caminho até casa, e outra eternidade estava decorrendo, enquanto sua mulher sentia ansias de morte e, muito próxima, a hora do parto.

Os olhos pecadores de Cristina observavam tudo do seu campo. O sol escaldava realmente, para um trabalho daqueles, mas, como a aranha já quase se não fazia sentir, fáceis lhe pareciam agora estes momentos de espera. Trabalhava alegremente, sem pressa de ir para casa, pois bem calculara que o rapazito se demoraria muito até dar o recado.

Só quando o último molho se carregou e as lufadas do vento começaram a anunciar trovoadas, é que Cristina se resolveu a ir ao encontro da sua presa, que estava bem garantida, segundo ela supunha. E no caminho de casa, acenava significativamente a muitos encontros; essas pessoas abaixavam-lhe a cabeça e levavam apressadamente a notícia para casa; e ali muitos joelhos se flectiram e muita alma tentava rezar, mas não podia, porque o sentimento de medo dominava todos os outros.

Num pequeno quarto gemia a infortunada criatura, sem que a afável companheira conseguisse com as suas orações e consolos encurtar aqueles infundáveis minutos de espera pelo marido.

E Cristina não largava a porta, os seus passos rastejavam muito próximos; depois, mais apressados e um cochichar de gente, e o padre sem aparecer. E nem sequer uma alma de confiança, que valesse às pobres criaturas. Desajava-se agora que o momento tão desejado noutras circunstâncias, não chegasse tão depressa como as dores anunciavam, e as inconsoláveis moradoras navegavam, como se fôsse em azeite a ferver, sem auxílio e sem esperança.

Bem sentia a jovem as queimaduras no corpo e na alma dos olhos ignis de sua sogra que atrevesavam a porta, suspitosos de alguma coisa. Um vagido, o primeiro sinal de vida dum coraçãosoito, rompeu tenuemente o silêncio e foi abafado, o mais depressa possível, mas tarde de mais.

A porta venteou a um empurrão e Cristina, embriagada pela sua ideia fixa, lançou-se sobre a parturiente, como tigre que se arremessa sobre a presa, levando de roldão pelo soalho a pobre velha, que tentou detê-la no acto abominável; possuía daquela santa angústia de mãe, a doente soergue-se do leito e estende os braços débeis para a assaltar, mas o seu corpo cai languida e pesadamente sobre o leito. Ao ver a criança nas mãos aduncas de Cristina, um grito horrível saiu-lhe do coração esfacelado e depois a impotência cobre-a de sombras negras.

(CONTINUA)

Participações de nascimento

Em modernos e originais
modelos, executam-se na

Gráfica Louletana

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Julho:
Em 25, o sr. Joaquim de Jesus Fernandes.

Em 26, o menino José Manuel Flores da Silva e o sr. Jaime de Sousa Calado.

Em 27, as sr.^{as} D. Maria das Dores Oliveira, D. Silvina da Luz Vinhas e o sr. António de Sousa Innocência, residente em Marrocos.

Em 28, o sr. Manuel Joaquim Barreiros.

Em 29, as sr.^{as} D. Emilia de Sousa Oliveira, D. Maria Celeste Viegas Barreiros Vairinhos e os srs. Casimiro dos Santos Mata e José Pires Madeira, residente na Venezuela.

Em 30, a sr.^a D. Teresa de Sousa Vitorino Pereira, as meninas Maria Aliete das Neves de Sousa e Ilda Maria Cavaco Tavares e o menino Manuel Caracol Guerreiro.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Para a sua habitual cura de águas seguiu para Caldelas, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Dr. Henrique Leote Cavaco.

— A passar uma temporada na Praia da Rocha com sua esposa, encontra-se nesta estância balnear o nosso ilustre conterrâneo, amigo e assinante sr. Coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior, Director da Manutensão Militar e Deputado da Nação.

— Acaba de fixar residência nesta vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante de Lisboa, sr. José Viegas Olivall, funcionário superior aposentado da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

— Encontra-se na Costa da Caparica, a gozar as suas férias na Colónia da F. N. A. T., a menina Isethe Guerreiro Lopes, prenda da filha do nosso assinante sr. Francisco de Sousa Lopes.

— Em goso de férias, encontra-se em Salir com sua família o nosso prezado assinante sr. António Teixeira Nunes.

— Retirou para a América do Norte, onde fixou residência o nosso prezado assinante sr. José Martins Antão.

— Acompanhado de sua esposa, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria das Dores Mendonça Lúcia, encontra-se em Loulé em gozo de férias, o conhecido poeta e nosso prezado amigo sr. Jaime Lúcio.

— Para companhia de seu marido, sr. Joaquim Mendes dos Cabegós, nosso prezado assinante em Buenos Aires, retirou há dias para aquela cidade a sr.^a D. Alexandrina Correia.

— Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Maria Eugénia Viegas Monteiro e de sua filha, encontra-se a veranejar no Hotel das Termas, em Caldelas, o nosso prezado assinante sr. Armando José Rocha Monteiro.

— Acompanhada de sua filha Damásia Maria, encontra-se a veranejar na Praia de Quarteira a sr.^a D. Laura Pontes Urbano, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Joaquim Ramos Urbano.

— Com boa classificação, terminou o curso de piano no Conservatório Nacional de Lisboa, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Ondina Macias Marques.

— Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se a passar o verão em Monte Gordo o nosso prezado amigo, conterrâneo e assinante sr. Dr. José Isidro Farrajota Rocheta, residente em Lisboa.

— Esteve no Algarve com curta demora o nosso estimado amigo e conterrâneo sr. Dr. Humberto José Pacheco, que seguiu para o Luso a passar a sua habitual temporada.

GENTE NOVA

— No pretérito dia 16 de Julho, em casa de sua residência, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.^a D. Maria Odete Pinquilha do Nascimento, esposa do nosso prezado assinante e conterrâneo sr. João de Sousa do Nascimento.

— Na sua residência, nesta vila, teve a sua feliz delivrance, no pretérito dia 11 de Julho, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.^a D. Alice Reis Mamede Castanho, esposa do nosso prezado conterrâneo e industrial em Loulé, sr. Jerónimo Arlésio dos Reis Castanho.

Os nossos parabéns aos felizes pais e votos de um futuro risinho para os recém-nascidos.

CASAMENTO

— No dia 30 de Junho último, realizou-se em Lisboa, o casamento da sr.^a D. Maria das Dores Domingues Reis, filha da nossa estimada assinante, naquela

muito querido do Rev.^o Padre cidade, sr.^a D. Manuela Domingues Reis e do sr. António Galvão dos Reis (já falecido) com o sr. José Fernandes, empregado da Sacor.

Foram padrinhos por parte da noiva, sua irmã sr.^a D. Maria Tomásia Domingues Reis funcionária dos C. T. T. e o sr. Capitão João Mendes Cabeçadas, amigo íntimo da família Domingues, e por parte do noivo a sr.^a D. Maria Helena Domingues Reis e Silva, funcionária do Consulado da Venezuela e seu marido sr. José Maria Oliveira Eugénio da Silva, proficiente desenhador-decorador.

Finda a cerimónia foi servido em casa da mãe da noiva um fino lanche, fornecido pela conhecida Pastelaria Castália, apoz o que os noivos seguiram para Sintra, onde passaram a lua de mel.

Desejamos ao novo casal uma prolongada lua de mel, com os votos de muitas felicidades.

DOENTES

— Já se encontra em vias de restabelecimento, após ter estado internado no Hospital desta vila, o sr. Joaquim Dias Pacheco, diligente concessionário da Pousada de S. Braz de Alportel. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

FALECIMENTOS

— Com a idade de 57 anos, faleceu em Lisboa no pretérito dia 15 do corrente, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Carlos Ramos, que durante largos anos exerceu em Loulé, com inestimável competência e dedicação, a nobre profissão de professor do ensino primário.

Deixa viúva a sr.^a D. Maria da Piedade de Almeida e Sousa; era pai da sr.^a D. Maria da Glória Ramos Cabral e da menina Maria Antonieta Ramos; sogro do sr. professor Adolfo Cabral e irmão da sr.^a D. Francisca Ramos Urbano e do nosso prezado assinante sr. Capitão Carlos Alexandre dos Ramos, em serviço na Índia Portuguesa.

— No dia 3 do corrente faleceu em Armação de Pera, o nosso conterrâneo e assinante sr. José de Sousa Pontes, pai da sr.^a D. Leticia da Ponte Costa Alves e sogro do nosso assinante sr. José da Costa Alves, funcionário da Câmara Municipal de Loulé.

— Faleceu recentemente em Lisboa, com a idade de 78 anos, o nosso conterrâneo sr. Joaquim Silvestre Pires Guerreiro, funcionário de finanças aposentado. Era pai dos srs. A. Pires Guerreiro, comerciante em Lisboa e Joaquim L. Pires Guerreiro e sogro das sr.^{as} D. Adélia Borges Pires Guerreiro e D. Francisca Pires Guerreiro.

— Também faleceu há pouco em Lisboa o nosso conterrâneo sr. José Santana Bárbara, de 35 anos de idade, filho da sr.^a D. Maria Inácia e do sr. José Vitorino do Carmo Bárbara.

— Faleceu no passado dia 14, com 72 anos de idade, o sr. Rafael Rodrigues Peres, natural desta vila e filho de José Rodrigues Peres, que foi um dos mais conceituados comerciantes da numerosa colónia espanhola aqui estabelecida há quase 100 anos. O falecido, que era solteiro, era irmão do sr. Manuel Rodrigues Peres e das sr.^{as} D. Amália Rodrigues Peres e D. Maria Candelária Rodrigues Peres Marques e tio dos srs. Manuel Bexiga Peres, Sebastião Rodrigues Marques, José Rodrigues Marques, residente em Vila Real de Santo António e Domingos Rodrigues Marques, residente no Brasil, D. Maria José Marques e António Peres Correia.

— Também no dia 15 e depois de doloroso sofrimento, suportado com a paciência e conformidade que lhe eram características, faleceu nesta vila o Sr. José Marcelino Baptista, solteiro, de 68 anos e que há muito desempenhava as funções de sacristão da Matriz. Dotado das melhores qualidades de carácter, José Marcelino Baptista era, pela sua bondade, vida recta e, com a mais natural simplicidade, coerente com os seus princípios, merecedor da estima que desfrutava em toda a vila que, sem distinção de classes ou de situações, o considerava e distinguia com a sua amizade. Por isso o seu funeral constituiu sincera manifestação de pesar.

Era irmão do Rev.^o Francisco José Baptista, antigo prior da Matriz e actual Capelão da Santa Casa da Misericórdia e do Sr. José Francisco Baptista e padrinho Analide Coelho Guerreiro.

As famílias enlutadas A VOZ DE LOULÉ apresenta sentidas condolências.

O Ideal na Vida

Dentro da prodigiosidade de inovação que a ciência e a técnica nos têm legado, nas últimas décadas da vida humana, somos forçados a reconhecer, que os caminhos ainda que aparentemente extensos, transformam-se num diminuto relativo, quando os grandes ideais norteiam as grandes realizações. E porque assim é, compreenderemos melhor a ascensão do pensamento investigador e da dedicação platónica dum grupo em prol do todo, se atendermos ao móbil dum gesto ou dum encaadeado compute de acções.

Por vezes o inicial é deturpado ao longo da sua missão e influenciado por numerosos factores na sua maior parte de natureza psíquico-social e que marcam os limites extremos do vislumbra filosófico do agir, com reacções e influências recíprocas e assimétricas.

Não importam de momento Rosseau, Descartes ou Ribot! Porque afinal o plano não existiria, o método seria o absurdo incompreensível e a acção um deslocado paradoxo, se como marca primária, não figurasse o ideal — força incontestável, que põe em movimento o todo, ou melhor átomo gerador da obra fecunda!

Lembremos Madame Curie ou Albert Einstein; e porquê nomes?, se afinal em cada um de nós a lição do dia, tem sido mais do que prova deste pensamento.

Há a subordinação de prazeres e desejos momentâneos; há como que uma renúncia de peregrinação pelos atalhos fáceis, para que a acção possa trilhar a grande rota, iluminada pela luz fascinante do ideal. Mas a anulação dum activismo extra-fim, não pode ser fanático ou imponderado, sob pena de o próprio homem ser o autor duma escravidão subjectiva. É então altura do pensamento tomar a directiva no formular das análises e sínteses, construindo o esquema intelectual, cientificamente elaborado, porque o método lhe é implícito e surge o contributo do terreno, no fisiologismo da acção! E aquela ideia, integralmente psíquica, não é afinal mais do que o germen realizador de todo o agir humano, quase sempre senão sempre entre os pólos opostos do bélico «man wolf's man» ou do divino e belo, mas eternamente antagónico — «HOMEM IRMÃO DO HOMEM».

João de Leal

Comércio e Indústria da grainha de alfarroba

(Continuação da 1.ª página)

tem estado sujeito até agora e para que, no seu estado seja também dada audiência à lavoura figueira.

A propósito chamamos a atenção de S. Ex.^a o Ministro da Economia para as graves preocupações da lavoura.

Enquanto se não encontrar a solução definida para o problema dos figos de caldeira, urgem medidas de emergência para a colheita já à porta tanto mais que nos consta ter o comércio decidido não comprar figo murado para se não sujeitar às incertezas habituais que, no ano findo lhe deixaram muitas centenas de contos de prejuízo.

UMA VOLTA AO DICCIONARIO DA «VOLTA»

A — Académico — O capas negras é o letrado da «Volta» que, a despeito de chumbada por várias vezes, pensa completar o curso do «Tour», fixe como um peneiro.

Águias — Ave com penas... de não fazer mais e melhor, um pouco degenerada da ave da mesma espécie que se cria em Lisboa. Tem azas mas não «abôa», daí a sua má classificação.

B — Brasileiros — Homens ricos desde o tempo da árvore das patacas, mas acanhados no pedalar; tão acanhados, que chegam a pensar que Portugal é «maior» que o Brasil...

Benfica — Melhor do Mundo nos tempos de D. Nicolau I. Hoje, o melhor de Lisboa, mas só isso.

C — Cadáver — O que fica de um corredor, findos os 200 quilómetros, e o que significa a palavra ciclista entre nós.

C / relógio — Modo de cada um correr para si só — em segredo — julgando a estrada só dele e até o único concorrente ao primeiro lugar.

D — Descida — Reverso das fases do «Prémio da Montanha», onde por vezes o júri faz a classificação. Em face dela, todos os santos ajudam e todos os corredores aproveitam para andar mais um pouco e melhorar as médias.

Diária — Pão de cada dia dos voltistas — duro para os que pedalam; «pão de ló» para os que acompanham a prova de automóvel.

E — Estrada — Faixa alcatroada que se mede aos quilómetros e que a Federação mandou vir da Junta Autónoma, «a gastar», por não saber de quantos quilómetros necessitaria...

Etapa — Episódio do filme da «Volta», mais ou menos pitoresco, mais ou menos «Far-West»,

menos ou mais veloz, do que os jornais dizem coisas homéricas!

F — Furar — Romper por entre o poletão para valorizar a média e chegar primeiro; romper uma câmara de ar e chegar em último lugar; procurar ser um dos incluídos na caravana...

Furo — Aquilo que muita gente vê para passar uns dias de agradável turismo na «Volta e Mela», com hotel pago e passagens de «borla»; colónia de férias volante, com féria diária.

G — Garfo — Utensílio de bicicleta que nenhum corredor leva para o hotel, afim de servir à mesa, a despeito de ser ele o sustento do seu peso sobre as rodas do bicicle.

Gagueira — Espécie de complicação, para justificar que do Porto a Lisboa são 700 quilómetros e que estão para 5 dias, quando todos sabem que do Porto a Lisboa se leva 12 horas — a andar mal.

H — Hora inexata — A hora a que os jornais anunciam o horário das etapas; hora exacta, aquela a que cada corredor parte, mesmo depois de ter sido dada a partida...

Horível — Um corredor depois de 137 quilómetros cair em dormir no chão, num hotel de turismo, sem avarias mecânicas ou precalços que justifiquem a queda horizontal.

(Continuação na 5.ª página)

Pela Imprensa

«COMÉRCIO DE PORTIMÃO»

Comemorou recentemente o seu 31.º aniversário o nosso estimado colega «Comércio de Portimão» que vê a luz da publicidade na progressiva cidade que lhe dá o nome.

E seu director o nosso prezado amigo sr. Pedro Octávio da Conceição Leal a quem por esse motivo endereçamos os nossos parabéns, com votos de longa e próspera existência para o seu jornal.

Despedida

António da Luz Cabrita, ao deixar, a seu pedido, a chéfia do Posto da P. V. T. desta vila, despede-se dos seus amigos e, em geral, do bom povo louletano

Escola de Belas Artes do PORTO

Na Escola de Belas Artes do Porto, realizou as provas para a obtenção da carta de arquitecto o sr. Luís Cunha, tendo apresentado como tese um projecto para a Capela de Nossa Senhora da Piedade em Loulé.

O seu trabalho obteve a classificação de 20 valores.

Festival desportivo

(Continuação da 1.ª página)

timo da tarde e o último do Torneio, «Unidos» e «Leões» empataram a 1 bola.

CICLISMO

Eram 18 horas quando as corridas tiveram início. Disputaram-se primeiramente várias eliminatórias, tendo os vencedores ficado apurados para a corrida de 30 voltas à pista, que se realizou a seguir e que foi brilhantemente ganha por Dionísio «Besouro», dos LEÕES, também único vencedor dos 5 «sprints» obrigatórios que esta corrida comportava.

Além deste jovem, que foi uma verdadeira revelação e cuja actuação bastante contribuiu para manter constante entusiasmo a assistência, participaram nestas 30 voltas à pista corredores do Atlético, do Ginásio de Taviara e ainda muitos individuais, que deram boa réplica ao vencedor.

A ENTREGA DAS TAÇAS

Numa despretenciosa e simpática cerimónia, realizada no Cine-Teatro Louletano na segunda-feira, dia 22, o Rev. Padre Luís, como Presidente da Organização do Torneio e o sr. Dr. Manuel Mendes Gonçalves, como representante da Câmara Municipal, entregaram aos capitães dos clubes participantes, as Taças ganhas pelos respectivos teams, que se classificaram pela ordem seguinte:

1.º Campinense; 2.º Atlético; 3.º Barreiras Brancas; 4.º Almansil; 5.º Unidos; 6.º Ponto Azul e 7.º Leões.

Em breve alocução, o Rev. Padre Luís justificou a sua actividade em prol da difusão do Desporto em Loulé por nele reconhecer um poderoso elemento para a formação do carácter da juventude, bastantes vezes vítima de perniciosas influências, das quais aquele é um antidoto eficaz.

Usando a seguir a palavra, o sr. Dr. Manuel Gonçalves exprimiu a sua plena concordância e a da Câmara, que representava, com o ideal do Padre Luís cuja obra enaltecera e a quem em nome do Povo de Loulé e em seu nome pessoal tributou sinceros aplausos, no que foi entusiasticamente secundado pelo público.

Propriedades

Por motivo de retirada, vendem-se 6 propriedades no sítio de Freixo Verde, freguesia de Alte, com sobreiras, oliveiras, alfarrobeiras e outras árvores e terras de semente com casas de habitação.

Tratar com Joaquim de Sousa-Freixo Verde-Alte.

Câmara Municipal de Loulé A V I S O

Torna-se público que esta Câmara Municipal tomou a iniciativa de promover a realização de uma romagem ao túmulo do falecido e saudoso médico DR. JOSÉ BERNARDO LOPES, cuja acção benemérita foi verdadeiramente digna desta homenagem que se lhe pretende prestar no dia 30 do corrente, pelas 19 horas, data em que passa o primeiro aniversário do seu falecimento.

De harmonia com a resolução tomada convidam-se, quantos desejarem fazer parte da romagem, a comparecer, à hora indicada, junto do edifício da Câmara Municipal, a fim de se incorporarem no cortejo que daqui sairá para o Cemitério Municipal.

Também se torna público que não se fazem convites especiais para comparência a esta homenagem.

Espera-se que o público colabore com a Câmara em mais esta manifestação de apreço, agradecimento e saudade para com aquele a cuja acção ficou devedora, durante a sua vida, de uma obra notável, especialmente sob o aspecto de assistência clínica.

Paços do Concelho de Loulé, 23 de Julho de 1957

O Vice-Presidente da Câmara, em Exercício,

José João Ascensão Pablos